

DO FICCIONAL AO REAL: UMA VISÃO HISTÓRICA DO MUNDO URBANO TERESINENSE NA OBRA PALHA DE ARROZ – FONTES IBIAPINA¹

Juscelino Gomes Lima²

RESUMO

Este trabalho se propõe abordar o espaço urbano da cidade de Teresina – PI, idealizado na obra *Palha de Arroz*, de Fontes Ibiapina, a partir de 1930, evidenciando nuances que forjaram a construção de um ambiente histórico impar na sociedade piauiense do limiar do séc. XX. O estudo revelou a importância que as produções ficcionais possuem no sentido do resgate da história de um povo.

PALAVRAS-CHAVE: História e Literatura. Cidade. Teresina. Palha de Arroz.

INTRODUÇÃO

A construção dos espaços obedece à lógica da organização humana. Esta lógica é perfazida dentro de um espaço de tempo que se acha permutado por características que a ela são inerentes. Nessa permutação, os homens constantemente estão fazendo sua história que é marcada por ações, evoluções, contradições e muitas outras.

É dentro desse contexto, que as paisagens urbanas são edificadas, haja vista o rápido enfoque dado pelo sistema capitalista, no processo de construção da história dos homens. Sendo assim, as alterações pelos quais passam as paisagens são apenas parciais, onde as mesmas são testemunhas do passado. Por outro lado, muitas mudanças sociais não provocam necessariamente ou automaticamente modificações na paisagem³.

Nesse sentido, o ambiente social e urbano, em que a capital do Piauí foi se construindo no limiar da década de 1930, responde e confirma a idéia outrora exposta. Dessa forma, houve a produção de uma sociedade que esteve ligada necessariamente às condições mudancistas localmente. Sendo assim, a obra *Palha de Arroz*, do literário piauiense João Nonon Moura Fontes Ibiapina, retrata um ambiente urbano crescente e contraditório, que foi marcado pela oposição social - “rico”, com boas condições materiais e sociais e o “pobre”, despossuído social e economicamente. Esta decadência liga-se

diretamente às mudanças estruturais que Teresina passava, principalmente, a partir da produção e perpetuação de incêndios, que ceifaram inúmeras vidas sociais suburbanas.

Dessa forma, este trabalho se propõe abordar o espaço urbano, idealizado na obra Palha de Arroz, apontando as nuances que são permeadas em tal obra, principalmente, aquelas que forjaram a construção de um ambiente histórico, chegando a marcar todo um seio social, bem como destacar e caracterizar os elementos típicos da narrativa, procurando mostrar a coadunação que existiu entre os mesmos e o espaço por eles ocupado.

História e literatura: ficção e veracidade

Em tempos de globalização, em pleno século XXI, época dominada pelos avanços das informações rápidas e instantâneas, muitas das quais disponibilizadas pela Internet e outros veículos informativos, o que se percebe é que a narrativa que agrada e prende o leitor tem penetração garantida junto ao grande público.

Nesse contexto, os livros considerados didáticos e paradidáticos abarcando a história e/ou a literatura propriamente dita vêm, ao mesmo tempo, ganhando e perdendo espaço. Existe uma luta intensa entre a ficção que agrada, mas não informa ou desvenda o passado e a narrativa tida como verídica que enriquece o saber humano, porém não desperta o interesse porque usa uma linguagem tediosa.

Quando se parte para o campo histórico, em especial, em suas literaturas, muitas vezes, o que se vê é o descarrilar de valores, que de várias formas, são representadas por práticas e ou ações que muitas vezes permanecem a mercê de quem as precisa. Nesse sentido Ramos é bem enfático ao pronunciar que:

Na realidade, com raras exceções, as obras escritas por historiadores permanecem restritas às prateleiras das bibliotecas, circulando entre um público restrito aos meios acadêmicos, embora agreguem novos conhecimentos e tragam contribuições inéditas, bem como discutam e reconstruam os fatos. Os historiadores, salvo raras exceções, são muito bons em desvendar o passado, mas pouco eficientes em comunicar essa riqueza de detalhes ao grande público⁴.

A comunicação da história que se acha aqui em discussão, deve ser aquela permanente e sempre correlacionada e ou coadunada com outras áreas do conhecimento, a fim de se evitar a desconstrução de identidades e valores.

É importante que se veja e discuta nesse interim a importância da narrativa histórica na literatura. Discutir essa questão, antes, implica encontrar a gênese da resistência dos historiadores frente à ficcionalidade literária, uma vez que a construção e legitimação do saber histórico, enquanto ciência perpassou a negação de sua vertente ficcional em prol da valorização da veracidade de sua narrativa, acarretando na desvalorização da literatura como fonte e modelo narrativo.

Por outro lado a utilização da literatura como fonte histórica, remontada ainda ao século XVIII, quando o pensamento iluminista inaugurou a racionalização da história, discute-se ainda, a importância da literatura como fonte para os historiadores recomponem o passado. Da mesma maneira, a historiografia romântica do século XIX utilizou a narrativa de cunho literário para discutir o passado da humanidade⁵.

No transcorrer do século XIX, o cientificismo desabilitou a narrativa literária, pretendendo construir textos que, a partir da citação de fontes documentais, possibilitassem um entendimento mais completo e puro do passado, isentos da ficção.

Somente no início do século XX, com o advento da *Escola dos Annales*, nascida na França e rapidamente expandida para o restante do mundo ocidental, graças à ajuda da Antropologia, da Psicologia e de outras ciências auxiliares, o uso da literatura como fonte adquiriu um novo sentido⁶.

Não sendo diferente, o resultado do perpassar evolucionista é que a literatura, aos poucos passou a integrar um dos *corpus* documentais consultado pelos historiadores, haja vista a riqueza de detalhes contida em seus textos. Desse modo, foi possível uma ampliação de escritos que teve como base a literatura para a produção de versões em história. Assim, se torna importante mensurar que os escritos literários, ao servirem de base aos historiadores e estes no comprometimento de suas funções no processo de construção de sua ciência é convicto de que as fontes em questão, muitas vezes são carregadas de valores pessoais de quem as redigiu, o que não deixa de existir em uma dada obra de cunho histórico, a marca da impessoalidade, assim como aponta Ramos:

No fundo, toda fonte, seja literária ou não, representa tão somente a opinião daquele que narra os fatos. Mesmo um documento oficial narrando dado acontecimento, a despeito de sua linguagem técnica, necessariamente foi redigido por um indivíduo que, sendo humano, não se furta de transmitir suas impressões pessoais. Nada que é humano está isento de emoção e de uma perspectiva particular de observação do mundo⁷.

Nesse sentido, admitida a validade da literatura como fonte histórica, talvez não fosse o caso de questionar a veracidade presente na narrativa literária, pois ela não só não poderia deixar de existir, sob pena de tornar o enredo sem lógica alguma, mas também o raciocínio humano não suportaria uma construção literária inverossímil. Assim ficção e veracidade, se tornam um só corpo e alma, haja vista a necessidade mútua de construção, valorização e perpetuação de seus objetos de estudos, respeitando os seus pontos comuns de trabalho.

Enfoque teórico - metodológico de construção dos espaços urbanos brasileiros

A construção dos espaços obedece à lógica da organização humana. Esta lógica é perfazida dentro de um espaço de tempo que se acha permutado por características que a ela são inerentes. Nessa produção de tempo e espaço, o homem heterogeneamente vai construindo seu espaço de poder, implicando variáveis mudanças em sua constituição e das paisagens.

Independente de como se apresente, se faz importante perceber a exposição histórica das relações homem e natureza no evoluir da história, já que sempre fora diferenciado e ideologizado.

Dessa forma, o espaço construído e modificado constantemente pelo homem, de acordo com suas necessidades, é denominado Espaço Geográfico. Este é, na verdade, o espaço de alocação de valores que são feitos mediante a alocação de forças dos homens na busca incessante de seus ideais. Dessa forma, as cidades são o resultado dessa amalgamação de necessidades e trabalhos, construídos ao longo do tempo, onde:

[...] A cidade, sendo obra coletiva, tem maior diversidade – ela é constituída ao longo do tempo e são as praticas sociais da vida cotidiana que articulam os objetos sociais e com isso se especializam, o que lhes confere ao mesmo tempo uma maior continuidade⁸.

Dessa forma o espaço urbano, é um tipo particular de espaço e que se caracteriza por ser simultaneamente, produto, meio e condição. Nesse sentido, há de se abstrair que o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, onde cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que a intensidade seja muito variável⁹.

No Brasil, os processos transformacionais, frutos do engendramento do capital externo, vão provocar uma proliferação de transformações sócio-espaciais, antes não visto, fato que promoverá profundas transformações no seio social brasileiro, em especial, na edificação de um palco de lutas e ações – as cidades, que passam a se constituir em um espaço de duplos valores: o centro rico, em

processo de desenvolvimento e a periferia, dona de uma situação lastimável, perpetuado por conta de forças endógenas e exógenas¹⁰, muitas vezes contraditórias. Dessa forma é possível confirmar o momento transformacional, como aponta Lima:

Mas é justamente após a segunda a Guerra Mundial que a temática urbana vai ter ascensão maior. Esse fato é verdade quando se percebe o grande deslocamento de mão-de-obra das áreas rurais, em franca decadência para as dinâmicas áreas urbanas. E é nesse bojo, que os países subdesenvolvidos vão ter sua espacialidade urbana alargada, entre eles, o Brasil, que passa a se industrializar e urbanizar a partir da inserção de nossa economia à produtividade mundial, comandada pelas Multinacionais, em especial, a partir de 1970¹¹.

No caso do Piauí, esse processo vai de alguma forma ser tardio, o que contribuiu para agravar o quadro social vigente no início do séc. XX, sendo resultado da política de organização sócio-espacial empreendida desde a colonização no referido Estado.

A Construção da Identidade Urbana no Piauí: Processos e Tendências no Início do século XX

Teresina foi a primeira capital planejada do país, fato produzido a partir do desejo e influência política que fora marcado pelo poder do primeiro governador da até então província do Piauí, Antônio José Saraiva. No ano de 1850, quando assumiu o governo da província, o jovem baiano governador, indicado pela capitania de Pernambuco para governar a província piauiense, apresentava-se como um político liberal e de grande visão administrativa, esboçando idéias de mudanças.

E uma destas mudanças a princípio, já reclamada por parte de muitos da capital provinciana, Oeiras, foi a questão da situação geográfica da citada capital, cercada por morros e de difícil acesso, fato que se constituía em um obstáculo para o progresso da então província do Piauí, inviabilizando não somente a comunicação com as demais províncias, como também o alavancamento do comércio. Assim buscava-se uma nova sede para a província estrategicamente melhor situada para redefinir a economia e melhor administrá-la.

Nesse sentido, a transferência da capital da antiga Oeiras, para a chapada do Corisco e sua final inauguração, ocorreu em 1852, norteando um objetivo idealizador básico, que era:

A cidade sonhada por Antônio José Saraiva deveria se transformar em centro dinâmico da economia e sociedade piauiense. Foi pensada para alavancar o progresso no Piauí, e

sua posição do ponto de vista geopolítico a indicava como motor de desenvolvimento da província¹².

A concretização do sonho do Governador Saraiva na verdade era uma resposta às necessidades mudancistas, que até então a província do Piauí vinha passando desde o final do séc. XIX. Desse fato, as incursões postas a partir da nossa vocação extrativista alcançado no final do aludido espaço de tempo, faz com que Teresina alcançasse um adensamento populacional de forma lenta, mas considerável¹³.

Ligado a isso, a existência do Rio Parnaíba, representa a tônica principal do desenvolvimento da nova capital e do restante do Estado, uma vez que o mesmo representou um meio de expansão dos poderes comerciais, que se desdobraram em produtos que eram comercializados do norte ao sul do estado e deste para os estados vizinhos, onde:

O papel do rio Parnaíba, frente ao processo de organização espacial em terras do Piauí fora inegável: através daquela via os produtos chegavam a Teresina e daí saíam para Caxias (no Maranhão) e Parnaíba, criando espaços próximos a capital um pólo, débil ainda, mas capaz de estabelecer ampliadas relações além do norte do estado, também com o restante do mundo¹⁴.

Contudo, as mudanças reais e de forma efetiva sobre todo o parcelamento social vão ser inauguradas quando o então presidente Getúlio Vargas chega à presidência da República – 1930 e, decreta sobre todos os estados do Brasil processo de intervenção, fato que no Piauí foi caracterizado a partir de um projeto de mandonismo e autoritarismo político e policial, em que a polícia foi peça chave para resolução de problemas, principalmente aqueles, promovidos pelos indivíduos ocupantes dos bairros periféricos.

O governador interventor Leônidas de Castro Melo, no Piauí será de alguma forma não apenas lembrado pelos traços modernos efetivados durante sua gestão, mas também pela luta empreendida contra aqueles que eram considerados “desertores da ordem pública” e que necessariamente, estavam alocados justamente na periferia de uma cidade que crescia sob o signo da modernidade, fato que muitas vezes era contrastado pela existência de casas de palha.

Estas casas de palha, já na primeira metade da primeira década de 1900, tiveram sua existência regulada por lei, fato que demonstra a preocupação das autoridades frente aos processos de modernização em curso nas principais capitais do país, onde:

Na primeira metade da década de 1910, foi sancionada a lei nº 69 do Conselho Municipal de Teresina que mantém no artigo 30, a proibição da construção de casas de palha na zona urbana¹⁵.

Anos mais tarde, em especial, a partir de 1925, outros mecanismos foram implementados, também para responderem aos processos de organização urbana na cidade de Teresina. Estava de fato demonstrada a capacidade transformacional que a referida cidade teria que passar.

Os insurgentes, que de alguma forma ajudavam a “enfeiar” a nova capital, seriam subjugados e expolidos do cenário social urbano, por meio das forças, armas e fogo. São justamente esses, que merecem ser destacados, já que a “modernidade” que chegara aos poucos no Estado Piauí instalara-se na capital Teresina e, portanto, qualquer aspecto de pobreza, arcaísmo ou ainda de admoestação à recém capital do Estado, seria uma forma de justificação para que tais adjetivos, em sua concretude fossem eliminados.

Do real para o ficcional: Os novos contornos teresinenses de 1930 – 1940

As mudanças que se operaram sobre Teresina nos idos pós 1930 e 1940 foram de tamanha importância que mecanismos de caráter jurídico existiram no sentido de preservação da imagem de império ascensional que se desenvolvia no interior do Nordeste brasileiro.

Essa imagem devia “impressionar” a quem vinha de fora e, que a imagem da capital em processo de construção e desenvolvimento fosse real e que abarcasse o máximo de importância e exponencialidade, a exemplo de centros de excelência da região Sudeste – São Paulo, Rio de Janeiro, etc.

E a magnificência urbana que se processava em Teresina no aludido espaço de tempo, fora justamente o centro, espaço de encontro e residência das elites e claro, centro comercial, onde girava a vida econômica e, portanto, social da florescente capital.

À medida que isso acontecia, o espraiamento da malha urbana e a produção dos redutos periféricos aconteciam, de tal modo que:

Entre os anos de 1940 a 1950, o espaço urbano de Teresina sofreu algumas transformações espaciais, gerando novas áreas de crescimento na cidade, com destaque especial para as Zonas Norte e Sul. Na Zona Norte, o crescimento se deu em direção aos bairros Mafuá, Vila Operária, Vila Militar, Feira de Amostra e Matadouro. Em alguns bairros, uma paisagem presente era o contraste entre áreas densamente povoadas e áreas

de grandes vazios. Na periferia da área central, desenvolviam-se os bairros Cabral e Ilhotas¹⁶

Sendo assim, a produção de vários bairros na capital piauiense, que hoje são tradicionais e muito conhecidos, foram na verdade palco existencial de figuras sociais, ações, situações que vieram marcar as páginas não só da história, mas como da literatura teresinense, bem como piauiense, a exemplo da obra em questão, *Palha de Arroz* e toda a sua narrativa.

Nesse sentido, à medida que a cidade de Teresina se “modernizava”, principalmente no centro, as adjacências que eram compostas na sua maioria pela população pobre, esta era, na verdade condenada a se distanciar ou desaparecer daquele reduto. Tal fato se deve a presença das casas de palha. Estas eram a representação sistêmica mais profícua que batia de frente com a dita modernidade.

Tanto é que desde cedo, os supracitados mecanismos jurídicos foram postos no sentido de sensibilizar condutas do uso e estética urbana central. Os períodos de estiagem, como de praxes anualmente feitos em nosso estado, vieram arregimentar possibilidades de sofrimentos aos mais desprovidos de condição econômica, fato que é demonstrado da seguinte forma:

As moradias populares em Teresina, a cada período de estiagem transformavam-se em alimento do fogo [...] Em 1941, no final do mês de agosto, a cidade é assolada por incêndios. Nesse período, a periferia foi quase totalmente atingida¹⁷.

Toda essa dinâmica de necessidade mudancista se fazia em função da “modernidade” que Teresina passava. Faz-se importante mencionar, que o período em questão é revestido pela presença do período histórico conhecido como Estado Novo, empreendido pelo então presidente da República, Getúlio Vargas, que ao praticar a política intervencionista sobre os estados brasileiros, trouxe para o Piauí, sombras de desesperos e tragédias, que foram representadas pela prática dos incêndios, tidos como criminosos, ora por parte dos agentes de policia, ora pela própria população, revoltada com a situação política, econômica e social do momento.

Todo esse processo de acontecimentos perfazidos no desenrolar da primeira metade do séc. XX, tanto na perspectiva histórica, como literária, foram importantes, uma vez que os contextos políticos nacionais e estaduais daquele momento, ambos coadunados, concorreram juntos para a escrita de uma nova história bem como influenciado indivíduos a fazerem da realidade, contextos de produções que emocionam e proporcionam uma maior reflexão sobre os acontecimentos e valores de toda uma época.

Essa reescrita da história, aqui desvelada em forma literária, leva-nos de alguma forma a compreensão que o processo de organização espacial de um dado lugar não acontece meramente, mas carregado de intencionalidades, fato importante na construção da história.

Palha de Arroz: do autor e obra em ficção

A obra *Palha de Arroz*, de João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, obra prima da ficção piauiense, retrata uma época de incertezas e diluição de valores sociais, que eram velados pela existência de dramas, misérias, que se perpetuavam sobre um parcelamento social, frutos das relações discrepantes do meio social, do início do século XX.

Fontes Ibiapina, natural da cidade de Picos - PI, nascido em 1921 e falecido em Parnaíba - PI, 1986, pertence, em termos mais restritos, ou seja, no universo da literatura brasileira de expressão piauiense, à Geração de 45, no interior do Grupo literário Meridiano, na tendência conservadora ou de não-ruptura estética.

Nessa perspectiva, a produção de Ibiapina está inserida na prosa regionalista contemporânea, contextualizada no Brasil a partir da década de 30, quando, a ficção encaminhou-se para o chamado "realismo bruto", identificado na linguagem oral, nos brasileirismos e regionalismos léxicos, onde destacamos José Américo de Almeida (*A Bagaceira*), Raquel de Queiroz (*O Quinze*), José Lins do Rego (*Pedra Bonita*) e Graciliano Ramos (*Vidas Secas*).

Diante de sua narratividade, *Palha de Arroz*, demonstra em sua plenitude que os acontecimentos e o período vivenciado foram na verdade, um modelo de demonstração de poderes políticos superiores, em contraposição àqueles que eram perqueridos de forma sofrível, onde:

Palha de Arroz de Fontes Ibiapina, retoma a época da Ditadura Vargas, constituindo um documento urbano-social em que a realidade e ficção se confundem nas denúncias das mazelas, dos dramas, das misérias e, algumas vezes, até da coragem de algumas de suas personagens¹⁸.

Toda a narrativa é desenvolvida dentro da florescente capital Teresina, no desenrolar de 1930 – 40, onde sua descrição, nas palavras do autor, faz o leitor viajar e imaginar os aspectos físicos e ambientais do momento, fato que leva os leitores a construírem mentalmente, um espaço urbano, que apesar da perspectiva histórica, de ascensão, na verdade, resumia os valores excludentes da massa pobre e que ajudava a “manchar” a paisagem desenvolvimentista que atravessava a referida capital.

A descrição de fato é revertida aos espaços periféricos, centro de discussão e intriga da obra, tendo como reduto principal, o bairro Palha de arroz, espaço que é detalhado na obra com:

Ruas quietas dentro de uma tarde cinzenta de janeiro. Quase nada de movimento por aqueles becos estreitos e sujos entre casas pobres [...]. Palha de Arroz não era bairro, nem de longe, propenso a tamanha tranqüilidade¹⁹.

Não diferentemente, os indivíduos que compunham os espaços periféricos de Teresina retratados na obra, tem seus costumes e valores próprios, frutos do nascimento e desenvolvimento do referido espaço. O próprio autor, através da narrativa feita deixa claro isso, ao criar personagens típicos, que por descendência de criação local, tem suas marcas tarimbadas, a exemplo de uma das figuras principais na obra, o negro Parente, como é atestado na seguinte passagem:

E para ser sincero, da Barrinha para Palha de Arroz, quase ninguém falava outro português. Era mesmo aquele deboche sem cabimento. Só aquele linguajar depravado do negro Parente. Com cada palavrão que, com poucos minutos de palestra, não ficava um ente da família que não pegasse da sua. Também!... Qual seria outro prazer em bairro tão pobre?!²⁰.

Percebe-se pelo exposto, o quão de crítica e conclusões há de se tirar a cerca dos valores que os elementos elencados na obra apresentavam. É na verdade a demonstração daquilo que fora “fabricado” sob redutos de pobreza e miséria, principalmente, quando da situação dos supostos incêndios criminosos que se desdobraram sobre o espaço periférico da crescente Teresina. Nessa possibilidade, o enfoque é o mundo suburbano, com seus desempregados, suas prostitutas e seus malandros. A promiscuidade é intensa, a começar pelo nome dos prostíbulos: "Curral-das-Éguas", "Balança-Cu", "Pau-Não-Cessa", dentre vários, que escandalizavam toda uma sociedade urbana regida por leis e valores, que não cruzavam com o ideal de uma nova cidade, trazidos à tônica pelas belezas e insaciedades da Belle-Époque, a principio produzidas em cidades de respaldado e cunho valoroso em nosso país, a exemplo do Rio de Janeiro, que até o início de 1963 fora capital de nosso país.

O Labirinto dos incêndios: Uma visualização do mundo urbano em Palha de Arroz – Fontes Ibiapina

A obra dos incêndios, retratada em Palha de Arroz é detalha de uma forma tão rica, que como já exposto anteriormente, a narrativa busca prender o leitor, para que este busque mentalmente cenas de sofrimento de um povo, calcadas na tentativa de se responder os porquês das ações feitas. Dessa forma vê-se na seguinte passagem:

Homens corriam de todos os lados. Uns saindo de casas, outros entrando em casa pegando fogo. Labaredas lambendo alto. Fumaça! Cinza! Carvão! Tudo se misturando, inclusive o povo naquela correria doida, naquela dança macabra que parecia um fim sem mundo. Mulheres às ruas, de mãos à cabeça, gritando como loucas e se apegando com tudo quanto de Santo da Corte do Céu. E as casas se queimando. Homens correndo desatinados, entrando em casas se queimando e jogando cacarecos nas ruas. Mulheres chorando, gritando, rezando. Latomia sem termo, e o fogo subindo²¹.

As causas para tanto desatino, são varias. Destas citam-se o momento do “calor” da II Guerra Mundial, que se processava; as rivalidades políticas; os próprios moradores, face suas condições subumanas, etc. Em Palha de Arroz, o narrador deixa claro sua intenção de critica ao tentar posicionar um possível responsável pela produção de tais acontecimentos, conforme se vê:

Mas quando os incêndios tiveram inicio, o mundo estava em guerra. [...]. Por conseguinte, na opinião dos da *panela*, nada de culpa tinha o Chefe de Policia, nem o Interventor, nem tão pouco o Chefe da Nação. O Culpado de tudo tinha de sido mesmo o conflito mundial que não dava um dedo de tempo de sobra para os homens tratarem de coisas internas [...]. O Capitão Vilmar era que não tinha o menor pinga de Culpa. Pelo contrario!... [...]. Alem do mais a policia matou até gente para ver se conseguia descobrir os mistérios dos incêndios²².

É interessante perceber dentro da narrativa que não é somente o sofrimento do povo que é feito pela atuação das queimadas (este é o item principal), mas que tantos outros, a exemplo de Conceição, que não vai se realizar como pessoa e nem como mulher amada, por conta da perda do homem que a amava e que fugira com ela (Zé Remador) e que tem a vida tragada pelo próprio modo de como tirava o sustento, o Rio Parnaíba. Outro de destaque do mundo de Palha de Arroz é o negro Parente, que vive de “pescar” defuntos no velho Monge, mas tem sua freguesia escasseada, no período da seca e, portanto, no período da baixa do nível do rio, fato que o leva ser matador de aluguel, mesmo contra a sua vontade. A profissão de pescador fica para seu filho, Antonio.

Do mundo urbano em destaque, muitos personagens aparecem. Uns com mais intensidade, outros de pouca envergadura. O fato é que de estivadores, oportunistas, passando por bêbados e prostitutas, até chegar à classe dominante da situação – policia, promotores, doutores, políticos, a obra de fato, só ganha exponencialidade com sua figura principal, Francisco Clemente Pociúnculo, ou vulgarmente conhecido como Pau de Fumo e ou Chica da Benta²³.

Este elemento é o ponto central da narrativa, juntamente com sua mulher, Genoveva, que fica louca, no momento que perde a filha Zefinha, em um dos incêndios criminosos, em que tragaram sua casa.

O referido personagem central, após tantas indas e vindas, na tentativa de vencer as intempéries sociais colocadas ao mesmo e ao restante da trama, faz-se de vencido a tal ponto de ter forjado sua morte, por meio de um suicídio, fato montado pelo autor, na tentativa de promover uma inquietação do leitor: de fato, Pau de Fumo teria mesmo morrido, ao se jogar de um trem em movimento, sobre a ponte metálica, dentro do Rio Parnaíba?

Fica claro, portanto, a intenção de Fontes Ibiapina em demonstrar os valores que de fato brotam, emanam do Piauí. Nesse caso o rio Parnaíba, os excluídos socialmente, as festas de caráter religioso, as transformações sócio-espaciais, enfim, todas as formas simbólicas que lembram à terra natal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independentemente do final postado na obra, que claro, fica a cargo do imaginário de cada um, vale ressaltar que o mundo urbano em Palha de Arroz não fora feito somente de construções, bases materiais, representado pelas imagens de uma cidade em processo de ascensão, fruto da amalgamação de valores históricos passados. Mas de indivíduos que na busca incessante de liberdade – política, social, econômica e principalmente, pessoal, fizeram coexistir um mundo à parte, o mundo do Palha de Arroz.

Este mundo é permeado de ações, de dicotomias, inseguranças e de novas perspectivas de futuro, que são na verdade para nós e, talvez para o autor e leitores, a liberdade que tanto o nosso estado anseia. Esta tem sua edificação a partir das ações políticas empreendidas ao momento histórico aludido na obra e que, fez parte do cotidiano de inúmeros brasileiros e piauienses.

No intuito talvez de demonstrar que o referido grupo é calcado de ambições e produções de interesses próprios, em contraposição social, Fontes Ibiapina, nos convida a refletir sobre o Piauí de ontem, o de hoje e, quem sabe de amanhã, para que possamos também escrever e repassar um pouco de nossas historias e valores para as nossas proles futuras, não somente no formato da ficção, mas, no formato original do que de fato se processou e, que possibilidades reflexivas e procedimentais há de termos de construir na cidade e para a cidade.

Todos os processos históricos que envolvem uma dada coletividade social, em dado tempo, é na verdade parcela da construção de valores, com espaços e figurantes em ação, onde se desencadeia um desenrolar, que muitas vezes, serve de inspiração na produção da arte literária. Arte essa, que busca evidenciar valores, atitudes e ações que permearam uma dada época, fato que nos possibilita um maior recrudescimento de nossa história e, portanto, de nossos valores.

NOTAS

Para um entendimento preliminar, a obra *Palha de Arroz*, de João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, é umas das mais expoentes obras da literatura piauiense, tenho ganhado vários prêmios de reconhecimento por sua escritura e importância.

2 Graduado em Letras e Especialista em Literatura brasileira pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI e Geógrafo pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Pós graduando em Turismo e Meio Ambiente pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. – geocelino@hotmail.com.

3 SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

4 Ramos, Fábio Pestana. **História e Literatura: ficção e veracidade**. In: **Domínios de Linguagem II. Revista Eletrônica de Lingüística**. São Paulo, Nº 1, 2003.

5 SILVA, Rogério Forastieri. **História da historiografia**. Bauru: Edusc, 2001.

6 BURKE, Peter. **A escola dos Annales: 1929-1989**. São Paulo: Unesp, 1997.

7 Ramos, Fábio Pestana, Op cit.

8 FAÇANHA, Antonio Cardoso. **A Evolução Urbana de Teresina: Passado, Presente e...** Carta Cepro, Teresina, v.22, n.1, jan/jun.2003. p. 59-69.

9 SANTOS, Milton, Op cit.

10 As expressões endógenas e exógenas empregadas aqui servem para realçar o poder dos donos do capital, que produzem o espaço urbano à sua vontade, o que termina por criar e perpetuar ora espaços desenvolvidos em ascensão, ora em decadência, com conteúdos próprios de cada situação.

11 LIMA, Juscelino Gomes. **Análise da Paisagem Urbana na Cidade de Altos - PI: Uma Década de Transformações Sócio-Espaciais (1997 – 2007)**. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia. Teresina, 2008.

12 NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Cidade e Memória: Cidades Invisíveis**. Revista Outros Tempos. Vol. 03, 2006.

13 _____. **Cidade e Memória: O Processo de Modernização de Teresina nos Anos de 1930 e 1940.** In EUGÊNIO, João Kennedy. **História de Vário Feitio e Circunstancia.** Teresina: Instituto Dom Barreto, 2007.

14 ABREU, Irlane Gonçalves de. **O papel de Teresina na Organização Espacial do Piauí.** CADERNOS DE TERESINA. Revista da Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Ano 2, nº 5, ago, 1988.

15 Nascimento, Francisco Alcides, Op cit.

16 MOREIRA, Amélia A. N. et alii (1972). **A Cidade de Teresina.** In: Boletim Geográfico. Rio de Janeiro, IBGE, n.230.

17 Nascimento, Francisco Alcides, Op cit.

18 _____. **Pau de Fumo/Chico da Benta: A Trajetória de um herói Ibiapiano.** In SANTOS, Francisco Venceslau dos (org) **In Prismas 4 – Geografias Literárias – Confrontos: o local e o nacional.** Rio de Janeiro. Caetés, 2003.

19 FONTES IBIAPINA, João Nonon de Moura. **Palha de Arroz.** 4 ed. Teresina: Editora Corisco, 2004.

20 Idem. p. 13.

21 Idem. p. 28.

22 Idem. p. 31.

23 A denominação Pau de Fumo é dada quando o personagem sem perspectiva de crescimento/desenvolvimento pessoal, financeiro, é levado a praticar furtos – um meio de sustento. Quando existe, o Chica da Benta é o inventário psicológico do mesmo voltado às pratica de honra e honestidade em que o mesmo promove para com ele e a sociedade.